

DESTACÁVEL

CORREIO
de domingo



O melhor
de Portugal

louças e vidros

COTA 745/749
NÚCLEO ARQUEOLÓGICO
REGISTO
BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE NISA

PAG. 14

O Melhor de Portugal

Colecção de 16 fascículos destacáveis no **CORREIO**
de domingo

16 páginas semanais totalmente a cores com os tesouros
da cultura portuguesa

MAIS UMA OFERTA

CORREIO
da manhã

O Melhor de Portugal!

Louças e Vidros

Desde cedo que o homem se viu obrigado a criar os seus próprios utensílios. Faz parte da luta pela sobrevivência pegar nas matérias e transformá-las para seu bem-estar. Em Portugal, a cerâmica é tão antiga quanto é a passagem de árabes e romanos. Começou-se pelos recipientes toscos de barro vermelho modelado à mão. Depois descobriu-se a roda e o processo simplificou-se. No século XVI já se fabricavam peças em faiança (cerâmica de pasta corada, porosa e com revestimento esmaltado ou vidrado) e em meados do século XVIII dá-se o incremento decisivo com os privilégios do Marquês de Pombal. É dessa altura a famosa Fábrica do Rato que teve os seus dias em Lisboa e que entretanto desapareceu. As porcelanas que tinham encantado os portugueses com as peças vindas da China também fizeram o seu aparecimento. A cerâmica de pasta branca pintada a dourado e motivos de várias cores passou a ser fabricada em Portugal, numa tentativa de aproveitar as matérias-primas que os solos portugueses colocavam à disposição. A par das louças, também os vidros e cristais têm uma palavra a dizer. Surgiram em Portugal no século XV e tiveram o seu grande incremento na Marinha Grande no século XVIII.

Do tempo das peças modeladas à mão ao tempo em que as peças nascem da roda ou do sopro e da experiência do homem, já se passaram vários séculos. Até podemos pensar que os passos dados não foram proporcionais ao tempo avançado, mas esse se calhar ainda continua a ser o motivo pelo qual ainda podemos observar as belas peças da nossa tradição cerâmica e vidreira.

CONCEPÇÃO E PRODUÇÃO: ARGUMENTOS, LDA.

Pç. Mouzinho de Albuquerque, nº172 - 3º, 4100 Porto Tels. (02) 600 64 44/60 FAX: (02) 600 64 61

R. do Comércio, 8 - 1º, 1100 Lisboa Tels. (01) 886 77 46/72 FAX: (02) 886 77 31

Coordenação: Rui Marques Texto: Anabela Almeida, Glória Lopes

Dir. Imagem: Jorge Vicente Dir. Adjunto: Fernando Mendes Design Gráfico: Quiná, José Hilário Coordenação de Fotografia: João Mariano

SUPLEMENTO DESTACÁVEL DO "CORREIO DE DOMINGO" Nº 5747

Viana do Castelo



1.º MELHOR DE PORTUGAL
Viana do Castelo



PORCELANA DE VIANA DO CASTELO

O norte de Portugal desde sempre teve grande expressão na cerâmica. E Viana do Castelo é um dos grandes expoentes desta forma de arte. Dali saíram no passado faianças que, através das suas decorações procuravam imitar porcelanas preciosas que os marinheiros portugueses traziam do Oriente. A importância do distrito de Viana do Castelo deve-se em grande parte ao finíssimo caulino proveniente das barreiras de Alvarães no concelho de Barcelos. Este elemento veio contribuir para a produção de um tipo de faiança especialmente fina: a faiança "sonante".

No início, além de louças, eram feitos utensílios ricamente pintados para farmácias, igrejas e mosteiros. Nessa altura, as pinturas eram feitas de azul ou cor de vinho purpura. Eram, sobretudo, pinturas

monocromáticas. Estes trabalhos adquiriram grande expansão, começando a serem exportados para o Brasil a partir precisamente do porto de Viana do Castelo. O grande apogeu desta louça deu-se por volta dos anos de 1790 a 1820, quando começaram a ser introduzidas outras cores como o amarelo e o verde, sem esquecer contudo a predominância do azul. Pratos, canecas, vasos e figuras passaram a ser o alvo predilecto da imaginação dos artifices. Contudo, em meados do século passado, as peças de porcelana de Viana do Castelo começaram a perder o seu carácter genuíno. A concorrência da louça inglesa tornou-se um obstáculo considerável e a fabricação em série quase que substituiu o trabalho manual. No entanto, essa tradição foi retomada já no nosso século. Os motivos florais continuam a ser o tema dominante.

Os pintores da porcelana dividem, com traços a lápis a superfície a pintar. Depois seguem a sua inspiração segundo os modelos tradicionais que guardam e para assinalar a sua marca, ainda continuam, como em tempos passados, a escrever o seu nome no fundo da peça.

O mundo das formas da louça de Viana pode ser considerado ao mesmo tempo simples, folclórico e clássico. Desde os cántaros bojudos aos castiçais simples, aos pratos grandes despretenciosos, às terrinas ou ainda aos vasos. Todos eles gozam do azul do mar, do verde das videiras e do amarelo das mimosas. No fundo há quem caracterize esta louça como uma louça, que é rústica e elegante e ao mesmo tempo "respira um provincialismo nobre".

Porto e Gaia



POTE "CERÂMICA DO DOURO"

MAIOL TULIEN



PRATO RENDILHADO AO ESTILO "CARVALHINHO"

NEVO MARTINS

Ha cem anos atrás, a cerâmica da região do Porto e Vila Nova de Gaia era nada mais, nada menos do que uma das mais importantes no panorama da cerâmica decorativa portuguesa. Em torno do Rio Douro chegaram a existir 20 fábricas, tais como a Massarelos, Devesas, Miragaia, Carvalhinho, Afurada, Fervença, Santo António do Vale da Piedade, entre outras. Mas por incrível que pareça, cem anos foram suficientes para que todas elas pusessem termo às suas funções. A Carvalhinho foi a última a pôr trancas na porta, o que aconteceu há cerca de 20 anos atrás. Depois de ter significado a segunda grande actividade da região do Douro, a seguir ao vinho do Porto, a cerâmica tradicional acabou por esmorecer face à expansão de outros sectores mais apelativos e ao aparecimento de novos produtos como o pirex e os plásticos.

Felizmente ainda há quem se preocupe com os valores artísticos tradicionais e foi a pensar nisso que foi fundada a "Cerâmica do Douro", uma nova fábrica que visa dar continuidade à antiga louça da região, embora utilizando a porcelana como suporte. Quem utiliza a faiança são duas das pessoas que frequentaram o curso dado pelo

Instituto de Emprego e Formação Profissional com vista a reavivar a antiga cerâmica. Antigamente as peças eram de carácter utilitário, uma vez que a decoração era um aspecto secundário. No entanto, actualmente, essa é a vertente dominante da louça fabricada na região. As peças variam entre pratos, terrinas, canecas, jarras, potes, floreiras, lavandas ou jarro com bacia para colocar nos antigos lavatórios.

Não se pode falar de uma unidade de estilo entre todas as fábricas que há anos atrás fizeram a louça ou mesmo entre aqueles que actualmente procuram recuperar os valores tradicionais. Existem determinados elementos que podem variar ligeiramente de caso para caso. Mesmo assim, existem determinadas características que se impõem e que não devem ser descuidadas. A policromia das cores é uma delas. Embora o azul seja a cor dominante, uma vez que era a mais resistente às altas temperaturas e por isso também mais fácil de obter, existe uma mistura de várias cores, entre primárias e compostas, como os amarelos, os verdes, os rosa e os laranja. Os motivos são, na sua maior parte, motivos florais. No meio das peças tradicionais da zona



O MELHOR DE PORTUGAL
Porto e Gaia

podemos encontrar uns pratos com uma espécie de aura rendilhada e com motivos florais ao centro. As peças desta região têm também uma característica peculiar que é o facto de não apresentarem a superfície da peça totalmente preenchida com o motivo. Existe uma coexistência entre os espaços brancos e os espaços decorados, procurando desta forma, valorizar mais estes últimos. Mas esta característica não é extensiva a todas as peças. Uma das razões está na provável influência exercida por artesãos de Alcobaca e Coimbra que se deslocaram para trabalharem na antiga fábrica do Carvalhinho.

A pincelada dupla e também uma das técnicas postas em prática na região. Isto significa passar duas vezes com tinta da mesma cor ou de cores diferentes sobre o mesmo motivo.

Existem alguns exemplos de peças recuperadas ao estilo do século XVIII que têm feito sucesso lá fora. É o caso de uma caneca de porcelana, inteiramente desenhada à mão na "Cerâmica do Douro" e que foi encomendada por uma empresa cervejeira japonesa. Talvez seja o momento de ressuscitar as antigas peças e encaminhá-las de novo pelas águas do Rio Douro...

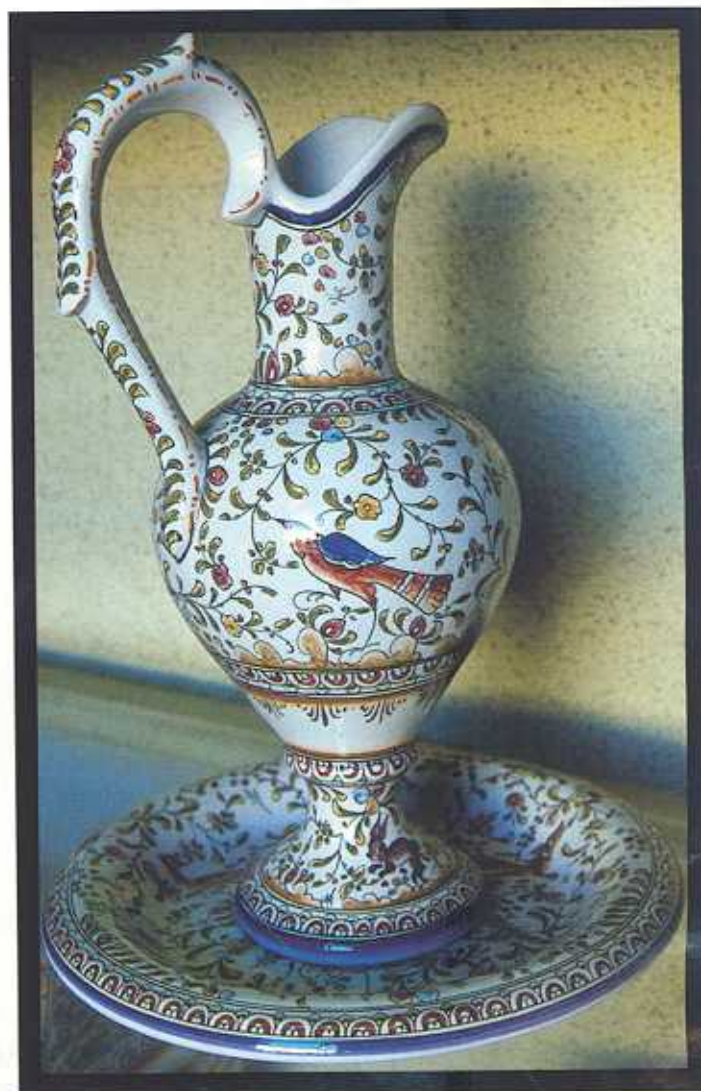
Coimbra



O MELHOR DE PORTUGAL
Coimbra



MOTIVOS FLORAIS



PEÇAS DE CAÇA

O fabrico da faiança de Coimbra já tem longas histórias para contar. As suas origens remontam ao século XVI, altura em que as influências das porcelanas chinesas trazidas pelos homens dos Descobrimientos mais se fizeram sentir sobre a talançã esmaltada de Coimbra. Os séculos XVII e XVIII revelaram um verdadeiro incremento da actividade oleira na baixa coimbrã, que passou a ser identificada como um autêntico bairro de oleiros. Podem-se identificar várias fases na cerâmica artística de Coimbra. A primeira diz respeito aos séculos XVI e XVII e está bastante ligada à influência oriental. As cores variam entre o azul e o sépia e a decoração manual das peças e feita com desenhos miúdos ou "aranhões", como também são conhecidos.

Nos finais do século XVII e nos princípios do século XVIII, deixam-se de lado os motivos orientais e envereda-se por outro tipo de decorações.

Existe uma fase em que se combinam os motivos chineses com os bráides portugueses e depois deixa-se o desenho miúdo e dá-se relevo ao desenho largo. Surgem as cenas paisagísticas e as cenas de caça e pesca como motivos. O colorido passa a ser rico e exuberante e não se podem negar as influências de duas personalidades bastante importantes para a história da faiança coimbrã e que são o português Brioso e o italiano Vandelli.

Mais tarde, já no século XIX, ainda se pode distinguir uma outra fase que dá realce à riqueza dos motivos florais. Trata-se de peças já mais "sofisticadas", em que os tons fortes são substituídos por tons pastel e cores mais suaves.

Os pratos, os meios pratos, as travessas, as tigelas e as chicaras são alguns dos principais objectos concretizados pelos oleiros de Coimbra.

Passada a fase "negra" durante a qual desapareceram praticamente todas as fabricas de faiança daquela cidade, a Sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra ainda hoje procura manter-se firme aos ideais que a puseram em actividade no século XVIII sob o nome de Fabrica do Lagar. Mantém-se nas antigas instalações do lagar do Mosteiro de Santa Cruz, onde se localiza precisamente a Igreja de Santa Justa a Velha, padroeira dos oleiros. Mudaram-se os tempos, mudaram-se os artistas, mas felizmente que ainda existe uma herdeira das antigas preciosidades cerâmicas coimbrãs. Dizem os briosos da obra que vão existindo muitos cursos e muita gente interessada na cerâmica, mas a verdadeira dificuldade está em arranjar mão-de-obra.

Os Azuis...



POTE DE ALCOBAÇA

www.martinho



O MELHOR DE PORTUGAL

Os Azuis...

... de Alcobaça

Em Alcobaça, a tradição da louça pintada à mão já vem de anos distantes. São pratos, jarros, potes, vasos, castiçais, tudo decorado com um tom dominante, que é considerado a cor nobre da cerâmica: o azul. As grandes rainhas dos motivos da louça portuguesa são também o motivo principal da louça de Alcobaça. Trata-se das flores, que surgem aqui pintadas de forma densa. Hoje, a fidelidade à traça, às cores e aos motivos das peças originais da região vai deixando muito a desejar. A par das três fábricas que fazem os antigos modelos, existe uma grande diversidade de estilos que vão fugindo àquela que é considerada a louça tradicional de Alcobaça.

Aquilo que ainda se vai mantendo fiel é o processo de pintura à mão. As pastas são preparadas em moinhos e depois seguem o processo semi-artesanal de fabrico e os caulinos da região de Leiria são a matéria-prima a que se recorre desde há longos anos para fazer as peças de porcelana.

Pratos, jarros, vasos, potes de várias dimensões são as peças revestidas com as pinturas ao estilo de Alcobaça. Quanto às vendas deste tipo de louça, dizem os interessados na matéria que nos últimos cinco anos houve um retrocesso em relação aos cinco anos anteriores que foram de grande expansão. Além da venda efectuada dentro do país, as peças transpõem as fronteiras da Inglaterra, da França, da Alemanha, dos Estados Unidos e, por incrível que possa parecer, do Japão.

... de Porches

Os ares mudam. Saltamos de terras da Estremadura para os ares que sopram do litoral algarvio. Por lá, o azul não é só o do céu em dias de sol, é também o da louça pintada na localidade de Porches. Esta é também a cor dominante nos pratos, vasos, potes e canecas pintados por mãos algarvias. As outras cores também bastante usadas são o turquesa e o verde. Os motivos são feitos de flores, folhas e animais como as aves, os peixes, os coelhos e os veados, mas sobretudo os pássaros. A louça que é conhecida como louça de Porches não existe há muitos anos. A primeira olaria da região data de 1968, foi criada pelos pintores Lima de Freitas e Patrick Swisse e destina-se exclusivamente a vidrar e a pintar a louça transportada da região de Mafra e que é feita com o tradicional barro vermelho. A técnica utilizada para pintar as peças é a técnica "majólica". Recebem as peças já cozidas, dão-lhes um banho de vidro, depois pintam-nas e dão-lhes mais uma camada fininha de vidro transparente. De seguida vão ao forno e estão prontas para serem vendidas.

Existem mais algumas olarias e algumas lojas que vendem o produto da região. Há quem queira acrescentar originalidade às peças mais antigas de Porches e opte pela inovação, dando cores mais vivas e brilhantes e uma maior variação de temas. Quanto aos instrumentos de trabalho e aos processos escolhidos, a tradição de onde ainda continua a ter uma forte palavra a dizer.

A Porcelana...



O MELHOR DE PORTUGAL
A Porcelana...



PORCELANA "VISTA ALEGRE"

... de Ílhavo

A descoberta de jazidas de caulino nas imediações de Aveiro durante o século XVIII foi um passo importante para o fabrico da porcelana em Portugal. É nas suas imediações, em Ílhavo, que fica situada a mais importante fábrica de porcelana de alta qualidade em Portugal. Trata-se da bem conhecida Vista Alegre que herdou o nome da quinta que a acolheu (Vista Alegre da Ermida) e que teve o seu início em 1824, por iniciativa de José Ferreira Pinto Basto. Moveu montanhas para levar o seu projecto para a frente com o objectivo de, nada mais nada menos, fazer uma porcelana de superior qualidade e beleza que levasse as pessoas a optar pela porcelana feita em Portugal. Não foi fácil. A experiência portuguesa em porcelanas era nula e havia um total desconhecimento em relação à natureza das argilas caulinas, que são o segredo da pasta. Mesmo assim conseguiu obter o apoio do governo e

usufruir dos privilégios de que dispunham os vidros no nosso país para lançar a sua fábrica. Conseguiu, por exemplo, a exclusividade do fabrico das porcelanas em Portugal por um período de 20 anos e a proibição da exportação das matérias-primas. Começou por fabricar taiança e vidros enquanto contratava peritos para fazer experiências com a porcelana. Veio a continuar-se que o segredo das porcelanas está nas matérias-primas e esta continua a ser uma das armas da empresa. Segundo os responsáveis pela fábrica, o caulino utilizado na louça Vista Alegre, algum dele importado, é responsável pelo elevado nível de brancura e translucidez da porcelana.

Somado ao seu carácter de objecto de luxo, as louças de porcelana sempre foram consideradas como sinónimo de bom gosto e categoria social, pois já desde há longos séculos que as encomendas de

porcelanas da China eram uma realidade. Os portugueses foram, aliás, os primeiros europeus a adoptar a porcelana como um material de utilização comum, assim como foram os primeiros a adoptar a porcelana nos hospitais, por ser de fácil limpeza e mais higiénico.

A Vista Alegre entra no mercado praticamente ao mesmo tempo que as porcelanas europeias, que foram surgindo durante o século XIX e as primeiras peças fabricadas pela empresa portuguesa foram uma chávena e um pires que datam de 1827. Hoje, a empresa não goza de qualquer medida de protecção e as suas peças percorrem os países da Europa e os Estados Unidos. Além da beleza das pinturas e da qualidade do material, a Vista Alegre continua a fazer peças, cujas formas podem ter um carácter utilitário, sem, contudo, deixarem de ter um carácter vincadamente decorativo.

A Faiança...



ZE POVINHO



FAIANÇA "RAFAEL BORDALO PINHEIRO"

... das Caldas da Rainha

A tradição da olaria nas Caldas da Rainha é tão antiga quanto o e a criação do Hospital Termal que data do século XV. No entanto, pouco se sabe sobre a actividade oleira até ao século XIX, altura em que a faiança artística enveredou pelo estilo caricatural. Consta que existiu na primeira metade do século XIX uma oleira chamada Maria dos Lacos, a quem se atribui a realização de peças como garratas, castiçais, assobios, paliteiros e tinteiros, inspirados em animais ou pessoas rústicas, anunciando já uma tendência para o humor e para a caricatura. Mas é a Manuel Cipriano Gomes, conhecido como o Maíra que se atribui o início da cerâmica em Caldas da Rainha. Foi buscar inspiração à louça naturalista do francês Bernard Palissy e foi o primeiro a assinar as suas peças. A cerâmica das Caldas entrava numa fase de grande apogeu, chegando mesmo a ter 200 fornos em funcionamento. É portanto com um cenário favorável que Rafael Bordalo Pinheiro se instala no ambiente oleiro caldense. O seu indiscutível valor já se tinha manifestado na área do desenho caricatural. Depois foi uma questão de dar largas ao seu espírito criativo e mordaz e de pôr em prática uma linha de "bonecos de movimento" como o "Ze Povinho" ou a sua "Maria da Paciência". Deu asas ao grotesco, aproveitando modelos da olaria tradicional da região, como os cantis, os motingues e as garratas e recuperou motivos inspirados na flora e fauna. Os lagartos, as cobras, as rãs e os mariscos são alguns dos motivos decorados com esmaltes coloridos de amarelo, verde, vermelho, que estão frequentemente presentes na faiança artística daquela cidade termal. As suas peças foram consideradas "atrevidas" e até houve quem lhe chamasse o "poeta da cerâmica".

Com a crise que se abateu sobre o sector nos últimos anos do século XIX, o caminho ficou inteiramente aberto para a faiança decorativa, que se espalhou e que adquiriu grande notoriedade. Depois da morte do grande mestre da faiança artística, o filho pegou na sua obra para lhe dar continuidade, embora enveredando por peças mais sóbrias. A fábrica de Faianças das Caldas da Rainha passa, no entanto por algumas dificuldades e acaba por ser vendida. Hoje o seu nome presta homenagem ao seu mestre Rafael Bordalo Pinheiro, não só no nome como nas



O MELHOR DE PORTUGAL
A Faiança...

peças que faz.

Além de Bordalo Pinheiro, convém referir ainda outro nome que está ligado à tradição da louça das Caldas. É o caso do grande miniaturista Francisco Elias. Trabalhou com Bordalo e foi seu discípulo e os seus trabalhos manifestam, sobretudo, temas populares e religiosos. Existe também um outro nome que teve a sua importância no meio e foi grande admirador de Francisco Elias. Trata-se do Visconde de Sacavém, um barista que retratou cenas da vida popular e que passava as suas horas livres a fazer miniaturas com motivos bíblicos, históricos e arquitectónicos. Hoje a bela casa que pertenceu a José da Silva Sacavém serve de aposento para o Museu de Cerâmica das Caldas da Rainha.

Mas não é só a faiança artística de Bordalo e dos seus seguidores que causa sensação em Caldas da Rainha. Existe um outro tipo de cerâmica mais "pornográfica" que é facilmente identificada com a "louça das Caldas". Trata-se de garratas pequenas ou de litro, canecas, batons, caixas de fósforos e frades de puxar o cordel, cujo motivo principal é um pénis. São peças que são vendidas em lojas e tabernas ou nas bancas da Praça da Fruta. Tudo começou quando o Rei D. Luís, numa das suas frequentes visitas às Caldas, pediu ao Maíra que fizesse uma brincadeira para o jantar. E assim foi. O resultado da obra foi um "pénis", para servir vinho, feito por um dos oleiros da oficina a quem chamavam "o Bandalho". Este nome foi-lhe atribuído porque sempre que as damas da Corte se deslocavam às Caldas e iam visitar a oficina do Maíra, ele tapava com um pano (ou bandalho) as louças menos próprias que tanto gostava de fazer. Já neste século e por volta dos anos 30, foram surgindo algumas das peças hoje conhecidas, como as canecas ornamentadas com o sexo masculino e os frades. Hoje ainda existem algumas pessoas que se dedicam ao fabrico deste tipo de louça, um fabrico que se pode dizer "caseiro", sendo no entanto, exportado para países como a Alemanha e o Brasil.

Os Barros Vidrados...



O MELHOR DE PORTUGAL
Os Barros Vidrados...

... de Barcelos

O barro é extraído na região de Viana do Castelo e Aveiro. O primeiro é mais "podre", como dizem os oleiros, tem pouca areia e pouca gordura, e mais seco. O segundo tem características diferentes, pois é constituído por uma pasta mais gorda. Aquilo que os artesãos de Barcelos fazem é juntar os dois tipos de barro para dar mais resistência à loiça. O barro é depois moldado à mão, dando corpo aos intentos artísticos daqueles que desde jovens aprenderam a seguir as gerações anteriores, continuando a fazer as tigelas de caldo verde, as assadeiras para o chouriço, os tachos para o "rancho", para o "arroz malandro" ou para o "frango na púcara". São os recipientes de loiça utilitária, feitos em barro vidrado, que antigamente faziam parte do mobiliário das cozinhas da zona e que com o aparecimento dos alumínio e dos plásticos, vieram conhecer piores dias. No entanto, nem tudo parece negro para a loiça típica de Barcelos. O ressurgimento do orgulho de ter uma cozinha típica regional e a tentativa de manter os antigos valores ligados à terra, fazem com que muita gente volte a procurar este tipo de loiça rústica, não só para restaurantes, mas mesmo para cozinhas particulares. O facto de ser vidrada prepara-a para ir ao forno sem problemas de estalar. O banho de vidro é dado depois da peça ter secado ao sol. Antigamente, o vidrado era feito a partir de sucata, uma vez que este material possui chumbo e é precisamente a partir do chumbo que se faz o vidro. No entanto, as elevadas percentagens deste componente em contacto com os alimentos levantaram alguma polémica. Isto fez com que actualmente, a percentagem de chumbo que entra no processo de



PANELAS DE BARCELOS

FOT. XAVIER MARTINS



PRATO DO REDONDO

vidragem seja menor. Segundo os oleiros, agora, o pouco que existe é libertado durante a cozedura no forno.

Estas peças são pintadas com uma tinta feita a partir do próprio barro diluído em água. A pintura pode ser feita antes ou depois de levar o banho de vidro. Depois de pronta, a loiça de Barcelos põe o "pé na estrada" para percorrer os mercados de vários pontos do país.

... do Redondo

O barro vidrado também se faz a história da loiça do Redondo. "Cá está o louceiro! Tachos, panelas, alvidares!" Era assim que antigamente, de porta em porta, se fazia o comércio da loiça que saía das mãos do artesão num dos centros oleiros mais importantes do Alto Alentejo. Nessa altura, as panelas e as tigelas de barro vidrado serviam à mesa das gentes da região. Além de saírem mais económicas, estas peças feitas de barro vermelho sem ser pintado ajudavam a paladar a comida. Contudo, o seu carácter utilitário e os seus poderes não foram suficientes para fazer frente ao despoletar da era dos plásticos, esmaltes e alumínio. O comércio ressentiu-se e os artesãos também. Hoje são poucos os que vão aplicando a sua arte a fazer este tipo de loiça "grosseira", como lhe chamam. O barro já vai escasseando na região e os artesãos que restam queixam-se de que as normas da Comunidade Europeia também não ajudam. As exigências vão sendo cada vez maiores, dizem. É o que se passa com a calda de vidro, que foi recentemente substituída e que exige agora mais tempo de forno. Antes, uma peça vidrada era cozida a 800 graus, agora tem que ser cozida a

1200. Quanto ao preço, uma peça destas que ronda os 25 centímetros de diâmetro é vendida na oficina do oleiro por 150€.

Além deste tipo de loiça, existe outra típica do Redondo, que essa sim, tem sobressaído ao longo do tempo. É dela que vive a maior parte dos oleiros do Redondo e a sua maior expressão tem-se vindo a manifestar no prato decorativo, que varia de tamanho, chegando aos 70 centímetros de diâmetro. Trata-se de loiça pintada que antigamente era feita em pequenas quantidades e considerada uma espécie de luxo e que ao longo dos anos foi predominando sobre a outra. É feita com barro espanhol e tem uma função mais decorativa. Os desenhos giram à volta das flores, dos passarinhos e das cenas da vida no monte. O sol, o galo, a casa e o sobreiro também dão um ar da sua graça, ajudando, no fundo, a retratar a paisagem alentejana. As cores são sóbrias, passando pelo amarelo, pelo verde (que antigamente era obtido com o sulfato de cobre das vinhas) e pelo tom da própria argila depois de cozida. Os desenhos são feitos com um prego ou com uma agulha, abrindo o caminho para a espalhar a tinta com o pincel antes da primeira cozedura.

Este tipo de loiça é actualmente distribuída um pouco por todo o país. Apesar de já ter passado por fases menos boas, ainda se podem contar dez olarias na zona do Redondo. A maior parte dedica-se à loiça pintada, pois apesar de ser mais cara do que a de barro vermelho, é mais rentável.

Hoje há quem exija originalidade às peças que vão surgindo e o facto é que muitas vezes à custa disso se vai ajudando a perder a tradição legada pelas antigas gerações. Os materiais vão evoluindo e os próprios desenhos vão sofrendo alterações aqui e ali. Vamos ver até quando a loiça do Redondo vai manter a traça herdada dos antigos.

Os Barros Negros...



BARRO DE VILAR DE NANTES



1. MELHOR DE PORTUGAL

Os Barros Negros...

... de Bisalhães e Vilar de Nantes

Nos arredores de Vila Real e Chaves, existem duas aldeias - Bisalhães e Vilar de Nantes - onde o barro negro é uma tradição já com longos anos. Trata-se de uma "indústria" caseira, feita em pequenas olarias, onde a par do oleiro, a mulher tem um papel de grande relevo. Há quem diga que ela até trabalha mais do que o próprio oleiro. É ela que pica o barro, que o peneira e amassa e depois é ela, ainda, que faz os desenhos nas peças já moldadas pelas mãos do artífice.

Apesar da cor ser a mesma, existem algumas diferenças entre as peças feitas na aldeia de Bisalhães e na aldeia de Vilar de Nantes. Em Vilar a louça é mais "churra", ou mais tosca, como dizem os próprios artífices. Os oleiros de Bisalhães dizem que as suas peças são "mais finas". Enquanto Vilar de Nantes produz quase exclusivamente louça utilitária, Bisalhães, além de alguma louça utilitária, produz sobretudo louça decorativa: desde lanternas, galheteiros, pratos pequenos, canecas, panelas, até vasos.

A história da louça decorativa foi uma inovação que já surgiu durante o

tempo da geração que ainda está a trabalhar. Foi quase uma condição que se impôs face as novas necessidades da actual sociedade. Os oleiros dizem que actualmente a louça tem mais saída, o que lhes permite ter uma vida melhor do que antigamente. Em tempos passados, as condições eram mais difíceis. Era preciso andar de terra em terra e de feita em feita, agora já se podem vender as peças no mercado local ou aos clientes certos. Além disso há mais poder de compra do que antigamente e as pessoas gostam de ter elementos decorativos nas suas casas. Por este ser o tipo de louça que mais se vende, é natural que Bisalhães tenha algumas vantagens na exploração económica da louça. Tem um mercado mais amplo, abrindo fronteiras até ao litoral e até mesmo ao estrangeiro. Uma peça, comprada directamente ao oleiro pode variar entre os 100€ e os 6.000€.

O barro utilizado é de telha ou de tijolo que é extraído na região. Depois de amassado pela mulher, o oleiro pega numa "pele" de barro e trabalha-o na roda, roda essa que em Vilar é movida pelo fôco da pé e

em Bisalhães pela força da mão. A cor peculiar da louça advém, não das características do barro, como seria de esperar, mas da forma como ela é cozida. O forno é um poço que tem as paredes revestidas com uma camada de barro, onde é introduzida a louça depois de seca e coberta com fogo. Depois de atingir uma cor avermelhada, extingue-se a fogueira e deixa-se ficar a louça durante duas a três horas. Depois está pronta para a venda.

Os oleiros queixam-se de que se houvessem incentivos a este tipo de actividade, não haveria tantas incertezas quanto ao futuro do ofício. Há pouco tempo esteve a funcionar um curso subsidiado pela Comunidade Europeia e que foi frequentado por cerca de uma dezena de pessoas, na sua maior parte mulheres. Vamos ver se o ofício que já vem dos trisavós dos actuais oleiros vai ficar por esta geração ou vai continuar a dar os seus frutos.

Vidro



O MELHOR DE PORTUGAL
Vidro



GERAÇÃO VIT

VIDROS DA MARINHA GRANDE

Nada se sabe sobre o primeiro homem a trabalhar o vidro. Quem era e onde vivia. Sabe-se que antes do homem já a natureza se encarregava de talhar a própria o vidro. Isto graças à sílica, uma matéria abundante na terra, que em contacto com o "fogo" dos vulcões é fundida e transformada em vidro vulcânico. Cedo o homem descobriu, cre-se que por acidente, que aplicando o calor à sílica e usando as suas próprias mãos e imaginação, poderia produzir peças que até aí tinham permanecido no "segredo dos deuses". Há indícios de que este fabrico terá tido os seus auspícios na Mesopotâmia por volta do ano 4.000 a.C. ou, segundo outros, por volta de 2.500 a.C. O vidro continuou a ser durante muito tempo uma arte de inspiração divina, um segredo conferido ao Homem por uma "boa-disposição" dos deuses. Mais tarde, no século I a.C., inventou-se um instrumento que iria revolucionar a arte do fabrico do vidro: trata-se da cana de soprar. Hoje, e passados tantos séculos, este continua a ser um objecto indispensável no fabrico vidreiro. E com ela que o homem vai ao forno buscar o vidro ainda em fusão, insere-o dentro de um molde e incute-lhe a forma, soprando com a força que os pulmões lhe permitem. Mas para chegar a este ponto são necessárias algumas matérias de extrema impetância: é o caso da areia e da madeira, esta última necessária para alimentar a combustão dos

tornos onde o vidro é fundido. Este nasce a partir da areia lavada, que é depois misturada com casco (restos de vidro usado) e outros produtos químicos para dar cor ao vidro. Esta mistura vai depois ao forno a uma temperatura superior a mil graus e é a partir daí que se vai extraindo uma pequena porção para moldar.

O facto da Marinha Grande exibir condições excepcionais para o desenvolvimento destes factores, com a praia por perto e o Pinhal do Rei "à mão de semear", fez com que a produção do vidro encontrasse grandes dias naquela localidade. A história da Marinha Grande e a história do vidro têm caminhado de mãos dadas ao longo dos anos, pois embora não fosse este o sítio onde o vidro começou por ser feito em Portugal, foi aí que ele alcançou grande expressão. As origens deste tipo de produção em Portugal remontam aos finais do século XV, quando foi concedido a Diogo Fernandes um alvará real para a construção de uma fábrica de vidro no Covo. A era da Marinha Grande começou em 1748 com a transferência da Fábrica Real de Coia. O Marquês de Pombal levou D. José a chamar à corte o inglês Guilherme Stephens, a quem pediu que assumisse a administração da fábrica. A sua laboração iniciou-se em 1769, iniciando uma produção de grande êxito, que acabou por encontrar o caminho para o estrangeiro e dar nome aos seus operários,

O número de fábricas foi aumentando e os níveis de produção também.

Hoje, porém, os vidreiros da Marinha Grande atravessam um período particularmente difícil. Que o digam as recentes manifestações de protesto contra o encerramento de uma das antigas fábricas: a Manuel Pereira Roldão. A grande pioneira "Fábrica Escola Irmãos Stephens" também não resistiu às imposições do mercado e teve que encerrar as suas portas. Agora o seu destino está reservado à função de museu.

Mas apesar desta situação menos boa, ainda existem fábricas em laboração. É o caso da Ivima, da Cive e da Santos Barosa. Actualmente, a maior parte dos vidros produzidos por elas destinam-se ao mercado estrangeiro. Garrafas, copos, jarras, conjuntos de louça, peças decorativas, tudo isto é feito com grande pericia pelos "artistas" do vidro. A lapidação e a pintura são feitas à mão e na Ivima, por exemplo, há um pantógrafo que se encarrega de imprimir os desenhos em 12 copos ou calices de cada vez, num trabalho que envolve dezenas de agulhas e que exige muita destreza e sintonia de movimentos.

A indústria vidreira, que passa muito pelo trabalho artesanal, não tem sido alheia à evolução do design, o que tem resultado na criação de verdadeiras obras-primas em cores e formas.

Nisa



CRAVANDO OS SEIXOS NO BARRO



O MELHOR DE PORTUGAL

Nisa

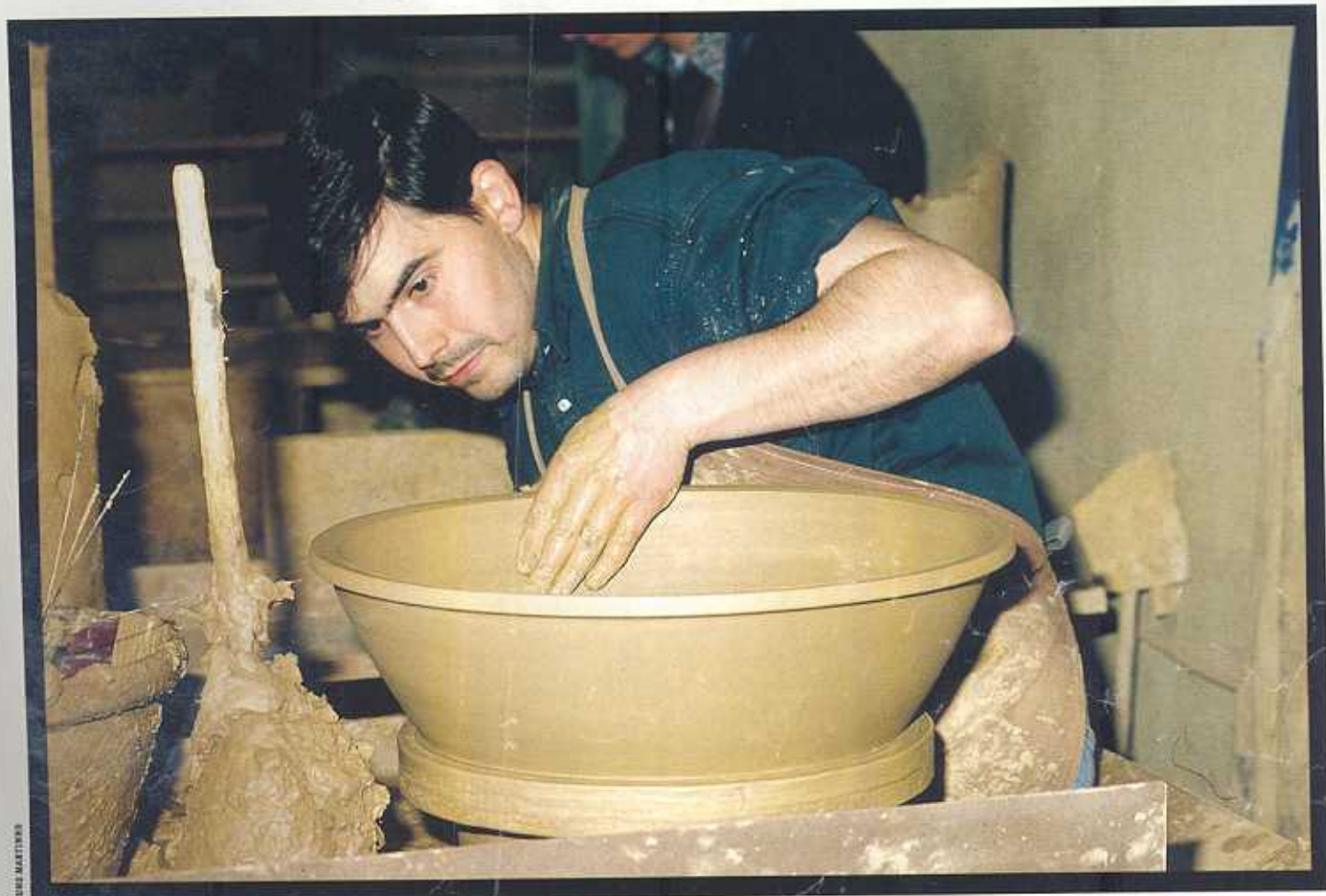
E é uma louça com tradição milenar. As suas características fazem-na distinguir da restante louça portuguesa. Trata-se de potes e cantarinhas de barro vermelho cravadas com pequenos seixos brancos. São peças com uma tradição muito antiga naquele concelho, onde a olaria terá sido impulsionada provavelmente desde o século XIV pela Ordem de Cristo. Em 1960 Cacheiro, Amieira e Montalvão eram, a par de Nisa, importantes centros de olaria. Mas, à semelhança de outras regiões oleiras, também o Alto Alentejo não ficou imune com a migração e com a consequente drástica diminuição de olarias. Mesmo assim, Nisa continua a ser ainda um centro de irradiação da tradicional louça. É um tipo de cerâmica resultante de uma técnica muito apurada, que apesar da má qualidade do barro e da dificuldade de o encontrar, consegue culminar em objectos de elevado valor artístico.

As principais peças da olaria de Nisa são a bilha de asa estilizada, o moringue ou "barril de mana", como também é conhecido por ter a configuração de um mamilo, o cantil e o barril de carro. A garrala de mesa é uma peça que está praticamente desaparecida, uma vez que pela sua configuração exige muito cuidado na cozedura, sob o risco de estalar. O transporte da água tem sido ao longo dos anos a principal finalidade das peças de cerâmica nisense. Uma das formas mais típicas de Nisa é o pote, que além do fim utilitário ligado à vida do lar, tem também uma vertente fortemente decorativa. A pasta utilizada na confecção das peças é feita a partir da junção de três tipos de barro: o branco, o vermelho e o preto, todos eles adquiridos nos arredores da vila. A sua junção é feita de forma a moderar a consistência e resistência.

Se o papel do homem é importante para modelar a matéria e dar forma ao objecto, é à mulher que cabe a tarefa da decoração. É ela que pega na agulha de cozer e faz os desenhos para de seguida lhes cravar as pequenas pedras de quartzo. Tudo isto com muita perícia e sensibilidade estética, de forma a não deixar assimetrias nos desenhos. Os motivos predominantes são os que estão ligados à flora regional, como o malmequer, a rosa, a pétala, o cravo, a pinha, o cacho de uvas, a azeitona, a espiga de trigo ou a bolota. Os símbolos mágicos ligados a superstições também são muito utilizados. É o caso da cobra (que significa uma vida longa), da aranha (que significa dinheiro) ou das três areias, da folha de trevo e das três azeitonas, que significam sorte.

Além da actividade de decorar, a mulher tem ainda outras funções ligadas ao processo de fabrico da peça. Depois dela ser moldada pelo oleiro e depois de ser enxuta ao sol, a peça leva um banho de barro vermelho dado pela mulher do atfice. Depois fica a enxugar dentro da oficina durante uns dias e está pronta para lhe ser puxado o lustro. É então que está preparada para a fase da decoração. Todas estas tarefas, bem como a de esmigalhar o quartzo para obter os elementos decorativos são da responsabilidade da operária. Se passar por Nisa, não perca a oportunidade de apreciar o bonito espectáculo que é ver a perícia com que elas "pedram" a sua loiça.

Louças e Vidros



HUGO MARTINS



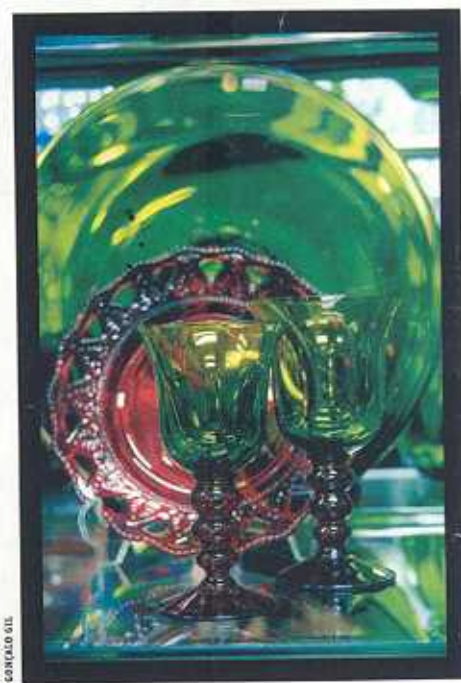
PIZZO LISIOTTI



PIZZO LISIOTTI



HUGO MARTINS



CONCALO GIL



O melhor de Portugal

colecção
de 16 fascículos
sobre os tesouros
da cultura
portuguesa

16 páginas
a cores
semanalmente

CORREIO
da manhã

no próximo domingo

Arquitectura Tradicional